

## Artigos Livres

# O ódio que você semeia: o materialismo histórico dialético como perspectiva analítica da construção da identidade pessoal

The hate you give: dialectical historical materialism as an analytical perspective of personal identity construction

Efigênia de Fátima Barbosa<sup>1</sup> , Marcelo Vinicius Costa Amorim<sup>1</sup> ,  
Fernando César Paulino-Pereira<sup>1</sup> 

<sup>1</sup>Universidade Federal de Catalão , Catalão, GO, Brasil

## RESUMO

Tecemos reflexões a respeito da adolescência e negritude, viabilizado por meio de uma análise de determinada narrativa de história de vida presente no livro *O ódio que você semeia*, de Angie Thomas (2017). O objetivo geral desse artigo é analisar a construção da identidade da personagem Starr. Para alcançar esse intento, utilizamos como base a metodologia com abordagem do Materialismo Histórico Dialético, pois privilegia os atravessamentos afetivos referentes ao objeto de análise. Em uma leitura qualitativa, elaboramos a descrição, interpretação e análise do processo de construção da identidade pessoal de uma adolescente que sofre com o preconceito racial. Os resultados apontam que na adolescência, ao qual os processos de identificação são intensamente demandados, as pessoas negras dentro da cultura ocidental contemporânea, nos deparamos com o racismo, ao qual tende-se a comprometer seus movimentos de emancipação. Diferentes processos de socialização entram em atrito dando síntese a uma identidade síntese dos embates pela vida mais digna.

**Palavras-chave:** Identidade-Metamorfose-Emancipação; Adolescentes; Negros

## ABSTRACT

We sought to learn more about adolescence and blackness, made possible through an analysis of a life history narrative from the book *The Hate U Give*, by Angie Thomas (2017). The general objective of this article is to analyze the construction of Starr's identity. To achieve this intent, we used as the basis of the methodology with the approach to Dialectical Historical Materialism, because it privileges the affective crossings related to the object of analysis. In a qualitative reading, we elaborated the description, interpretation and analysis of the process of construction of the personal identity of an

adolescent target of racism. The results point out that in adolescence, in which identification processes are intensely demanded from black people within contemporary western culture, we are faced with racism, which tends to compromise their emancipation movements. Different socialization processes enter into tension, synthesizing a certain laborious identity for a more dignified life.

**Keywords:** Identity-Metamorphosis-Emancipation; Teenagers; Blacks

## 1 INTRODUÇÃO

Nosso artigo apresenta a análise da construção da identidade da personagem Starr, do romance *O ódio que você semeia*, obra de Angie Thomas (2017), escritora, mulher, negra, norte-americana. As reflexões que se sucedem abordam aspectos como a adolescência e a negritude, bem como as relações sociais para compreensão de determinada identidade pessoal. Investigamos a partir Materialismo Histórico Dialético e tomamos como referência metodológica de análise de narrativa de vida a proposta de Ciampa (1987). Nossa análise segue o cronograma de sessões do livro de Thomas (2017), iniciando com o assassinato de certa personagem e finalizando com a decisão dos juízes sobre o ocorrido, acontecimentos que atravessam de forma significativa a adolescência da personagem Starr. O romance escrito por Angie Thomas nos serve como fonte de narrativa de história de vida.

Ao longo da pesquisa debatemos a concepção de adolescência, considerada uma construção social, instituída por um complexo processo histórico, ao qual Coimbra, Bocco e Nascimento (2005) destacam o “perigoso” foco nos fatores biológicos que tende consolidar uma perspectiva reducionista. Compreensão da vida humana “fatiada” em etapas. Em via “contrária”, nos interessa compreender a totalidade da adolescência.

A adolescência as vezes é erroneamente tomada pelo paradigma do desenvolvimento universal ao qual os indivíduos passam de forma similar por essa “fase”. Para César (2008, p. 30-31) a adolescência aparece como conceito no “discurso de médicos, psicólogos e pedagogos, sendo posteriormente reproduzido à exaustão,

sem que fosse discutido em seu caráter histórico". Cada "adolescer" se trata de um processo singular, é histórico e social.

É preocupante pensar que a Psicologia pode auxiliar de alguma maneira no empobrecimento da discussão sobre o tema, legitimando práticas alienantes que colaboraram para a cristalização da compreensão do "adolescer" ao desconsiderar questões como classe social, cor e gênero, pois é comum que "estudos sobre adolescência" se fundamentem "em um único tipo de jovem, isto é: *homem-branco-burguês-racional-ocidental*" (Ozella, 2002, p.19, grifos do autor). Em função disso, Ozella (2002) destaca o valor da perspectiva sócio-histórica para compreensão da totalidade do "fenômeno". Eis o nosso prisma.

Ao buscarmos artigos/trabalhos nas plataformas de periódicos usando palavras-chave "adolescência", "psicologia social crítica" e "negritude", constatamos relativa "escassez" de discussões que entrelaçam os aspectos basilares de nossa pesquisa.

Com o trabalho de Berni e Roso (2014) ampliamos a concepção de adolescência. Mais que um período generalista, as autoras destacam a adolescência como um processo, um vir a ser. Assim é válido afirmar que na ótica da Psicologia Social Crítica o adolescente e os demais indivíduos superam o reducionismo da linha evolucionista no desenvolvimento. Todos são agentes de transformação de si e da realidade, sujeitos históricos em constante devir. Berni e Roso (2014, p. 130-132) salientam que "a adolescência diz respeito a uma construção social, histórica e cultural, que foi fabricada e institucionalizada a partir de interesses da sociedade moderna industrial", válido "repensar a adolescência como uma fabricação social dotada de interpretações e significações produzidas em sociedade".

Articulando com o tema da negritude, as reflexões sobre a adolescência esbarram na "pesada" estagnação "imposta" pela discriminação racial, extermínio e assassinato sistemático desses indivíduos, o que tende a implicar menor espaço para discussões sobre o desenvolvimento psicossocial dos jovens negros. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) já nos mostrava que em 2018 o número de

peessoas negras mortas/assassinadas era significativamente maior do que pessoas não negras. Em 2021 o assassinato de pessoas negras no Brasil<sup>1</sup> se acentua ainda mais. A violência tende a “cobrir” a perspectiva qualitativa sobre a juventude negra com números, cabe a nós propor questões qualitativas tão urgentes para elucidar aspectos outros. Desse modo, ressaltamos que nosso estudo privilegia as relações sociais, as socializações diversas que diz respeito a vida cotidiana e como isso ressoa na construção de determinada identidade. Estamos pensando na urgência de se compreender a juventude negra através de suas “vozes”. Projeto político para incluir certas perspectivas a respeito de uma vida justa e igualitária. Fundamento para um exame qualitativo de história de vida de quem padece com o racismo. Há histórias de vida, reais e ficcionais, que materializam a trajetória, detalhes e as tendências das relações humanas. O trabalho de Ciampa (1987) nos comprova isso.

Destacamos nosso objetivo geral: compreender a construção da identidade da personagem Starr, uma adolescente da obra literária *O ódio que você semeia*<sup>2</sup> de Angie Thomas; e os objetivos específicos envolvem: a) identificar as possibilidades encontradas pela personagem de estabelecer vínculos com seus pares; b) discutir a construção social da adolescência destacando o aspecto racial.

## 2 ELEMENTOS METODOLÓGICOS

Construímos nossa base teórica articulando os pensamentos de Goffman (1981, 1985), Ciampa (1987), Heller (1972) e Berger e Luckmann (2014). Pela abordagem qualitativa, analisamos a identidade da personagem apresentando como cenário a realidade da história de vida da personagem.

Elaboramos uma síntese da narrativa, trabalho descritivo, e interpretamos o processo de construção da identidade pessoal. Portanto nosso percurso metodológico

<sup>1</sup> <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/05-anuario-2022-letalidade-policial-cai-mas-mortalidade-de-negros-se-acentua-em-2021.pdf>

<sup>2</sup> O livro foi lançado em 2017 e no ano seguinte foi feita a adaptação para um longa-metragem. Nossa escolha pela obra literária se deu pela sua riqueza de detalhes a respeito da personagem principal, Starr, ao contrário do que é apresentado no filme.

é composto por; descrição, interpretação e análise. A realidade não se permite ser explicada por completo, mas há recursos que colaboram para que o estudo da relação realidade-sociedade seja a mais plena possível, assim como afirma Minayo (1994, p. 15),

A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela. [...] As Ciências Sociais, no entanto, possuem instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedades, ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória.

Na perspectiva dialética consideramos o primado do inacabamento, ao qual não há ideias que possam ser estabelecidas como verdades inabaláveis. Nesse sentido, tudo o que existe na vida cotidiana está em constante mudança, sujeita à própria história. Os atores sociais e seus grupos constroem a identidade, há movimento na inter-relação grupal. Em construção, a identidade avança e retrocede (Ciampa, 1987), eis a concepção nodal que orienta nossa análise. Uma teoria da identidade, abordagem psicossocial que se ampara na identidade-metamorfose-emancipação para compreensão da realidade (Ciampa, 1987).

Ao explorarmos uma narrativa que nos dá elementos de como o racismo se materializa na realidade, em paralelo, “escutamos” preocupados discursos vinculados por diferentes cidadãos<sup>3</sup> que terminam por nos “alertar” sobre a urgência de defendermos um cotidiano menos alienante. Refletimos sobre o preconceito. Há o mito da democracia racial, também visto como racismo sofisticado. Como os jovens negros enxergam a si mesmos dentro dessa realidade? Ao olhar ao seu redor, encontram representatividade capaz de subsidiar a assunção de boas relações dentro dos grupos? Ressalva para a existência do racismo cultural, materializado nos mecanismos de comunicação e socialização cultural que naturaliza um valor/desvalor bem específico para cada cor de pele (Lima, 2020).

---

<sup>3</sup> Infelizmente é possível citar mais de uma ocasião, mas vamos nos ater ao posicionamento, bastante significativo e atual de Sérgio Camargo, durante sua gestão como Presidente da Fundação Palmares insistiu em negar que haveria racismo no Brasil. A cientista social Medina (2021) faz uma breve menção sobre isso, link de acesso: <http://www.pgc.uem.br/arquivos-dissertacoes/alessandra-guimaraes-dos-santos-medina.pdf>

Em vista disso, discutimos brevemente sobre como a realidade se constitui, as relações responsáveis pelo processo de humanização e que envolve indivíduo e sociedade.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Dentro de cada sociedade papéis sociais construídos são impostos aos indivíduos desde o nascimento. Humanizados pelas experiências, nossas ações são balizadas pelas internalizações e externalizações ao longo da vida. Nesse modelo, o indivíduo tem sua apresentação para o público (re)conhecida como a representação de si. Para Goffman (1985) a representação do indivíduo se dá na confiança nos papéis sociais. Viver o papel social é agir crédulo ou não de sua atuação frente ao público. Sabendo que a representação significa “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (Goffman, 1985, p. 29), é necessário verificar de que forma o material necessário para atuação irá compor cada contexto, do qual o autor denomina como “fachada”. O indivíduo em sua realidade se preocupa com a aparência, disposição e realização de seu papel. A aparência é a forma de apresentar o *status quo*; a maneira diz da forma de expor-se ao público (Goffman, 1985). Isso especifica a representação na realidade social.

O êxito do papel social se ancora em como o indivíduo interioriza e exterioriza a realidade. Berger e Luckmann (2014, p. 167) afirmam que “estar em sociedade significa participar da dialética da sociedade” e por isso é importante notar quais são as formas que os indivíduos se inserem em sociedade, lembrando da predisposição do indivíduo para o trabalho de socialização, o tornar-se “membro da sociedade” que é próprio da “dialética da sociedade”. Há certa indução do indivíduo a participar dinamicamente da sociedade a partir do acontecimento de seu “nascimento” biológico (Berger; Luckmann, 2014).

Em suma, o indivíduo interioriza, internaliza e exterioriza a realidade de acordo com o que foi aprendido desde a infância. A criança conhece os sentidos do mundo por meio da identificação, a partir de seus semelhantes, através da socialização primária, “por meio desta identificação com os outros significativos a criança torna-se capaz de se identificar a si mesma, de adquirir uma identidade subjetivamente coerente e plausível” (Berger; Luckmann, 2014, p. 170-171). Em sociedade crescemos “aprendendo” o que é “certo” e “errado” de acordo com a vivência, nas relações sociais. Consciência e papel social se ligam.

Esta abstração dos papéis e atitudes dos outros significativos concretos é chamada o outro generalizado. Sua formação na consciência significa que o indivíduo identifica-se agora não somente com os outros concretos mas com uma generalidade de outros, isto é, com uma sociedade. (Berger; Luckmann, 2014, p. 172)

No processo dessa identificação há relativa cristalização das realidades objetiva e subjetiva, produzindo o outro generalizado. Comumente o processo avança para outros tipos de socialização e identificação que acontecem na escola, no trabalho, etc, é a socialização secundária. Não se trata de etapas bem delimitadas, socialização primária e secundária passam a coexistir, se articulam e promovem tensões. Berger e Luckmann (2014, p. 178) ressaltam: “a socialização nunca é total nem está jamais acabada”. Sobre a discussão da socialização sublinhamos o aspecto do conhecimento repassado aos diferentes indivíduos dentro das interações que dão suporte as funções e divisão do trabalho que sustentam nosso modelo atual de sociedade. Há afetos envolvidos nas socializações. Afetos, divergências e descompassos podem abalar a coesão esperada no convívio em sociedade. Na ânsia pelo controle, formas de adaptação e de “boa convivência” são promovidas (Goffman, 1985).

Os atores sociais, em cada papel social, se deparam com o cenário e “script” prontos para agir em seu âmbito específico. Essa tem sido a maneira de se reafirmar a condição de indivíduo inserido em uma sociedade que nos é dada, é a sociedade historicamente construída (Heller, 1972). Nosso mundo se divide em “particular” e



“público”, dois mundos que se interpenetram. Dessa maneira, a entrada na história traz consigo a experiência na vida cotidiana, o local onde essas atuações serão realizadas de forma consciente ou não - devido à cristalização de alguns papéis. Para Heller (1972) a simples mudança de papel não implica na transformação do indivíduo. Justificativa para analisarmos a questão sobre a ação humana a partir dos aspectos da alienação e emancipação de sua consciência dentro da vida cotidiana.

Sabemos que o indivíduo “não sobrevive a não ser em relação com outros homens” (Lane, 1989, p. 16), ou seja, o indivíduo está inserido em vários grupos, há diferentes relações sociais, internaliza dada realidade e (re)constrói ela e a si mesmo por intermédio das interações. Mediação histórica, social e cultural. Em cada contexto, a partir dos papéis dados e assumidos, elaboramos nossa própria singularidade. Funções e papéis que negamos também nos constitui, as possibilidades de comportamentos não se esgotam (Heller, 1972).

Pensar os papéis sociais pressupõe uma consciência de si e da realidade. Mesmo no ato de identificação persiste o movimento, a construção de si mesmo. Não somos totalmente alienados pois sempre persiste algum nível de preconceito em nós, fator que dificulta o processo de emancipação (Heller, 1972). O trabalho de Lima (2020) apresenta uma importante articulação entre diferentes referências para elaboração atualizada do conceito de preconceito, nisso se leva em conta seus aspectos cognitivo, político e ideológico, afetivo e contextual<sup>4</sup>. O autor destaca que ao refletirmos sobre o preconceito “o mais sensato é adotar uma definição operativa, mais específica e contextualizada, que considere o tipo de interesse envolvido na relação e a minoria alvo do processo” (Lima, 2020, p. 26).

O preconceito é aspecto para examinarmos condições de alienação. Refletir sobre emancipação e alienação é discutir a respeito da consciência e da identidade.

---

<sup>4</sup> O estudo de Lima (2020) tem importante pilar no “estado-da-arte” a respeito do preconceito, parte de Gordon Allport (1897-1967) refletindo como há atitudes generalizáveis do ponto de vista da antipatia contra indivíduos e grupos. Acionando outros autores insere-se a discussão no âmbito político e contextual, avaliando que para pensar o preconceito é necessário atentarmos a situação e singularidade que ele ocorre, ao qual abarca uma série complexa de aspectos e condicionantes.



Ciampa (1987) teoriza a identidade enquanto sua metamorfose, o movimento da vida e suas relações sociais. A identidade enquanto verbo, resultado de uma história de vida com todos seus papéis sociais, se torna uma totalidade em constante vir a ser. Abarca a consciência. O autor compreende haver uma singularidade em cada história pessoal, justificativa da necessidade de análise da identidade pessoal da qual se dá de forma diferente para cada um. Essa análise da identidade inclui a apresentação do nome e do sobrenome, o primeiro é tomado como próprio, já que este foi lhe dado para se diferenciar dos demais - e o segundo o iguala a um grupo em específico: sua família. Junto disso, Ciampa (1987) destaca que elementos sociais, físicos e psicológicos podem caracterizar a representação do “ator”, e também contribuem com a forma em que a identidade será pressuposta.

Um exemplo pode clarear essa noção de identidade pressuposta. Antes de nascer, o nascituro já é representado como filho de alguém, e essa representação prévia o constitui efetivamente, objetivamente, como *filho*, membro de uma determinada família, personagem (preparada para um ator esperado) que entra na história familiar às vezes até mesmo antes da concepção do ator (Ciampa, 1987, p. 161, grifos do autor).

Ciampa (1987) pensa a impossibilidade da não-transformação, pois mesmo na reposição de papéis, repetição de função e personagem, algum movimento persiste, mesmo na mesmice. O autor compreende que a condição da mesmice é superada quando se elabora a consciência de seu movimento, se (re)constrói personagens e o ator se modifica, se encontra em mesmidade. As diferentes relações sociais são premissas de diferentes condições que podem promover a “contemplação” de outros meios de se viver, ainda que simbolicamente.

A identidade pessoal é composta por expectativas e sonhos. Não é substantivo, “o indivíduo não mais é algo: ele é o que faz” (Ciampa, 1987, p. 135), e através desse fazer, cada um elabora seu “universo” próprio a partir das suas possibilidades. E então

[...] as personagens são vividas pelos atores que as encarnam e que se transformam à medida que vivem suas personagens. Enquanto atores, estamos sempre em busca de nossas personagens; quando novas não são

possíveis, repetimos as mesmas, quando se tornam impossíveis tanto novas como velhas personagens, o ator caminha para a morte, simbólica ou biológica (Ciampa, 1987, p. 157).

Para Carone (1984, p. 21) compreendemos “a sociedade como uma totalidade tal como a totalidade orgânica, dotada de leis estruturais, especificidade e solidariedade funcional entre as partes”, realidade que o indivíduo – fruto dessa mesma sociedade – também passa a construir suas características a partir das leis já postas e repostas. Mesmo havendo determinantes na vida de cada indivíduo não se trata de uma concepção fatalista, pois como afirmam Lane (1984) e Ciampa (1987), o homem está em movimento. Compreender a realidade/homem só é possível se considerarmos seu processo.

Passando para a discussão sobre a questão racial, visitamos o “processo” histórico acerca da ideia de raça. Almeida (2019) aponta que a partir do século XIX, especificamente, foram atribuídos juízos diferentes à população africana, reduzindo-a à animais ferozes e irracionais, ou seja, processo histórico de desumanização. O racismo opera na desumanização do outro, há muito tempo ele se manifesta via “desindividuação, animalização, deslegitimação, objetificação e exclusão moral” (Lima, 2020, p. 74). Dessa forma,

[...] nasce a ideia de que características biológicas – determinismo biológico – ou condições climáticas e/ou ambientais – determinismo geográfico – seriam capazes de explicar as diferenças morais, psicológicas e intelectuais entre as diferentes raças. Desse modo, a pele não branca e o clima tropical favoreceriam o surgimento de comportamentos imorais, lascivos e violentos, além de indicarem pouca inteligência. (Almeida, 2019, p. 21).

As práticas racistas evoluem e os indivíduos negros são tratados de forma distinta por certo “poder” que se apoia na perspectiva preconceituosa (Almeida, 2019). O mundo ocidental experimentou longos anos do paradigma colonialista e brancocentrismo.

Na discriminação racial “direta” se explicita o “repúdio ostensivo a indivíduos ou grupos, motivado pela condição racial”, a “indireta” se resume em “sutilezas” que desconsideram interesse das minorias (Almeida, 2019, p. 23). Isso leva a estratificação

social, comprometendo a vida dos negros. Ora, a maioria das pessoas vivendo em moradias precárias, favelas por exemplo, é composto por uma população negra, marginalizada e situada nos “apêndices” do espaço urbano. Contudo, essas mesmas pessoas são “inundadas” do discurso de igualdade e meritocracia entre os homens. Se aprofundarmos ainda mais o olhar sobre o nosso contexto, perceberemos o “racismo à brasileira”, tema debatido por Chersoni, Chagas e Muniz (2022, p. 274) que atenta para marcas racistas no mundo subjetivo e objetivo da realidade brasileira, discriminação racial e projeto de desigualdade que constituem nossa forma de ver e pensar o mundo.

O processo de discriminação tem funcionamento condizente com as características do “preconceito” debatido por Heller (1972), pensamento embasado na fé que nos orienta pela vida cotidiana. Para a autora nossa experiência no mundo é composta por comportamentos norteados por juízos provisórios, preconceitos e ultrageneralizações diversas. O preconceito é estimulado “pelas integrações sociais nas quais vivem os homens” (Heller, 1972, p. 50).

Na compreensão de Munanga (1990, p. 112) temos acompanhado a expressão de uma imagem negativa da pessoa negra, da qual ela interioriza e se aliena, e ao atingir essa fase, o indivíduo negro se encerra em “uma alternativa: eliminar a diferença, assemelhar-se ao branco, trocando a pele física, cultural e intelectualmente”. Munanga (1990) sublinha como “exclusão” a condição dos negros, pois essa população é incessantemente “direcionada” à subalternização. Essa desvalorização e desumanização do negro acompanha a ordem vigente, dá-se manutenção e estabilidade a um cotidiano orientado pela ideologia dominante - visto que para gerar a igualdade, seria necessário desconstruir a estrutura inerente ao sistema socioeconômico.

Deve-se observar ainda, neste contexto, que a classe burguesa produz preconceitos em muito maior medida que todas as classes sociais conhecidas até hoje. Isso não é apenas consequência de suas maiores possibilidades técnicas, mas também de seus esforços ideológicos, hegemônicos: a classe burguesa aspira a universalizar sua ideologia. (Heller, 1972, p. 54)

Não nos esqueçamos que na sociedade de classes a ideologia dominante tende a cristalizar as ideias promovendo uma perspectiva de que o mundo construído é justo, igualitário. Nesse interim, saberes são produzidos sobre os indivíduos de forma a auxiliar na consolidação de formas classificatórias e consequentemente de controle de uma classe sobre a outra. O conceito de adolescência pode ser problematizado nessa discussão. Constrói-se a noção de “adolescência” de acordo com determinada época para se atender demandas sociais dentro da (re)construção do pensamento ocidental. Segundo Grossman (2010) é na assunção de certos espaços públicos como privados que se estruturou a família como local envolto de afetos entre os seus. Condição para a infância e a adolescência “aparecem” como importantes “etapas” de processos para o desenvolvimento humano. O “adolescer” emerge como “um momento crítico da vida, temida como uma fase de potenciais riscos para o indivíduo e para a sociedade, uma real ‘zona de turbulência e contestação’” (Grossman, 2010, p. 48).

A compreensão da adolescência como momento turbulento persiste, mas adentra no ardiloso jogo do mercado da contemporaneidade, ao qual toma-se a “tendência ditada pelos *teens* estadunidenses” enquanto um “estilo de vida a ser consumido” por todos (Coimbra *et al.*, 2005, p. 4). Mas uma reflexão mais criteriosa tende a contestar padrões de normalidade, podendo questionar a universalização de questões referentes ao “mundo” da adolescência. Ozella (2002, p. 20) se empenha em problematizar a existência de: “rebeldia, desequilíbrios e instabilidades, lutos e crises de identidade, instabilidade de afetos, busca de si mesmo, tendência grupal”. Desse modo se interroga a adolescência como etapa “normal” tanto quanto um período “natural”.

Assim cumpre afirmarmos o caráter de multiplicidade que a adolescência no ocidente pode carregar. Nossa análise busca afinidades com o trabalho de Berni e Roso (2014) para refletirmos sobre a adolescência enquanto um processo. Consideramos “contextos de vidas singulares” (Berni; Roso, 2014, p. 6). Inacabamento. A adolescência pode ser examinada junto a identidade pessoal como propõe Ciampa (1987), dentro da metamorfose, do devir.

Até aqui apresentamos a discussão sobre a adolescência e do preconceito, especificamente o racismo, nas páginas seguintes analisamos a identidade da personagem Starr e como esses aspectos se articulam.

## 4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

A personagem Starr nos traz perspectivas, são “dois mundos”, Williamson é o mundo da escola. “Foi aí que percebi que Williamson é um mundo, Garden Heights é outro e eu tenho que mantê-los separados” (Thomas, 2017, p. 29). Starr parece ter ciência de uma realidade cindida. Esferas sociais que entre si sinalizam um estranhamento, distância.

A Starr da Williamson não usa gírias; se é algo que um rapper diria, ela não diz, mesmo que os amigos brancos digam. As gírias os tornam descolados. As gírias a tornam “daquele bairro”. A Starr da Williamson segura a língua quando as pessoas a irritam para que ninguém pense que ela é a “garota negra cheia de raiva”. A Starr da Williamson é acessível. Não faz cara feia, não olha de canto de olho, nada disso. A Starr de Williamson não gosta de confrontos. Basicamente, a Starr da Williamson não dá motivo para que alguém a chame de garota do gueto” (Thomas, 2017, p. 52).

Segundo Goffman (1981) o estigma tem a ver com depreciação. Aqui, o estigma aparece na preocupação cotidiana de uma adolescente na criação de sua identidade em Williamson, busca-se “igualar” aos demais colegas. O estigma auxilia no estabelecimento do sentimento de insegurança (Goffman, 1981). Insegura, Starr se manifesta como uma pessoa “dócil”, receia o “rótulo” de garota agressiva. Starr, estudante, adolescente, procura por uma convivência ao qual lhe acolha e possa se sentir “normal”, estável, e nos diz: “encontrei meu grupo, minha mesa.” (Thomas, 2017, p. 55).

Mas a trama cotidiana lhe fornece um grande conflito, o assassinato de Khalil, um bom amigo de Starr, o que motiva a “sobrevivente” posicionar-se a respeito, agindo então nas redes sociais/digitais. Denunciar a violência e o descaso contra a população negra é interpretado de *múltiplas* formas, Hailey, por exemplo, de dentro do contexto

de Starr, reage, se vê cansada em acompanhar esses “excessos” de postagens de “coisas negras”. Hailey manifesta a intolerância e o preconceito racial.

Starr entra em relações que lhe desvalorizam, gerado uma tensão, a personagem busca pela criação de alianças e coletivizar “sua” minoria. Starr se alia a Maya para enfrentar os “comentários” de Hailey. Minorias reificadas tentam resistir. Starr se preocupa, pois sua representação no mundo é constituída pelas vozes e olhares dos outros, “*nós deixamos as pessoas dizerem coisas, e elas dizem tanto que se torna uma coisa natural para elas e normal para nós*” (Thomas, 2017, p. 168). Conviver com posicionamentos que alimenta o descaso com a morte de um jovem negro - seu melhor amigo - cria condições para Starr trabalhar a maneira como irá representar a si mesmo diante o(s) outro(s). Na vida em sociedade estamos constantemente elaborando idealizações a respeito de nossa representação (Goffman, 1985). É a partir da nossa performance na vida cotidiana que incorporamos ou não certos “valores oficialmente reconhecidos pela sociedade” (Goffman, 1985, p. 41). Nos fazemos singulares na relação com a (des)valorização da sociedade, aí se constitui nosso pensamento e comportamento.

Entre amigos e familiares, é o pai de Starr que se apresenta como principal interlocutor para que a personagem possa enfrentar o racismo.

— Khalil disse que é sobre o que a sociedade semeia em nós quando pequenos e como isso volta e os morde depois — digo. — Mas acho que é mais do que quando pequenos. Acho que é o ódio que semeiam, ponto. — Nós quem? — pergunta ele. As pessoas negras, as minorias, os pobres. Todo mundo na parte de baixo da sociedade. Os oprimidos — diz papai (Thomas, 2017, p. 115).

Em sociedade construímos sentidos entre o que já está dado e o que é possível, socializamos e edificamos nossa vivência (Berger; Luckmann, 2014). A identidade de Starr, em processo, é fortemente influenciada por questões raciais e pela estratificação social, suas socializações lhe fornecem interiorização contraditória, o corpo negro enquanto desvalor, corpo “matável” e o corpo negro enquanto valor digno de ser defendido. Na interiorização do mundo objetivo construímos o mundo subjetivo (Berger; Luckmann, 2014).

Starr apreende os sentidos dos acontecimentos, se relaciona com o mundo objetivo, entra em contato com significados em cada atitude dos outros. Em uma realidade pautada na discriminação racial o Estado tende a ser protagonista da violência contra o próprio povo, desse modo, quanto mais “cedo” aprender a “não morrer”, melhor é. Ora, aos doze anos os pais de Starr explicam a melhor forma de lidar com uma abordagem policial,

Starr-Starr, faça o que mandarem você fazer — disse ele. — Mantenha as mãos à vista. Não faça movimentos repentinos. Só fale quando falarem com você. Eu sabia que devia ser sério. Papai tem a maior boca dentre todo mundo que eu conheço, e se ele disse que era para eu ficar quieta, eu tinha que ficar quieta (Thomas, 2017, p. 20).

A realidade social de Starr pesa-lhe, é a coerção, ser obediente sempre, é vigente o risco de morte. A Starr lhe é imposto silêncio. Calma, complacência, eis alguma “garantia” de permanecer viva na sociedade posta. Frantz Fanon (2008, p. 104) nos alerta sobre os efeitos da cultura da branquitude que não fornece “lugar” para o indivíduo marginalizado, “no mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal”. Nem nas “margens” há algum respaldo, referência ou segurança. Com escravidão, *apartheid*, preconceito racial, temos longo histórico de discriminação, assim não se permite o indivíduo negro se situar, o corpo negro não sabe onde “se meter” (Fanon, 2008). Não seria estranho pensar que nesse caso a identidade que em sua totalidade tem o corpo marcado pelo racismo, se (des) orienta entre o não-lugar e a morte.

As instituições tem papel preponderante na socialização que subsidia a construção da identidade. Starr entra em processo de se construir enquanto personagem autônoma ou não, entre a família, a escola e a polícia. Nelas o racismo é inserido e “executado”. O “adolescer” é substancialmente marcado pela questão: “como não morrer?”. Cumpre considerar que para pessoas negras há distintas socializações pautadas na perseguição e na desconfiança.



Starr interioriza um mundo que insiste em “extrair” do povo negro o indivíduo “apto” a ser coagido, sequestrado e enviado para viver em situações desumanas. Legado histórico da ameaça aplicada desde os períodos de escravização. Um exemplo de situação que é reflexo do processo histórico: “Pisco em meio às lágrimas. O policial Um-Quinze grita comigo e aponta a mesma arma com a qual matou meu amigo. Eu levanto as mãos”. (Thomas, 2017, p. 22). A identidade pessoal de Starr é resultado, também, de um processo secular de “caçada”, violência e exploração. A narrativa de vida de Starr dialoga com a apresentação de Fanon:

Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais. Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negritão, minhas características étnicas, – e então detonaram meu tímpano com a antropofagia, com o atraso mental, o fetichismo, as taras raciais, os negreiros, e sobretudo com “*y’a bon Banania*” (Fanon, 2008, p. 105-106, grifos do autor).

O indivíduo negro, cooptado ao “*y’a bon Banania*” serve para difundir a estereotipia que suporta o racismo, é o “sorriso banania” cômico que ajuda na difusão do discurso dominante. Do riso, Starr adentra uma trajetória de dilemas e coercitividade. Diante a demanda para negligenciar a violência, a personagem lembra: “papai diz que me deu o nome Starr porque eu era a luz na sua escuridão. Preciso de luz na minha própria escuridão agora” (Thomas, 2017, p. 171). Seu nome, envolto de afetos, auxilia na tomada de decisões.

Starr se identifica e se movimenta orientada por uma “luz”. O nome é usado no processo de interiorização de características que os outros buscam nos atribuir (Ciampa, 1987). A tendência é predicarmo-nos na relação com os outros. Starr busca sua própria luz no intercâmbio com o pai. Nossa identidade é constituída numa estreita relação com a identidade do outro. Antes de ser a Starr, ela já era para seu pai a “Starr de luz”.

Starr se volta para as vivências no seu bairro, Garden Heights, conhece a Sra. Ofrah, uma advogada que pede a jovem que testemunhasse a favor do amigo assassinado. Após ter aceitado, Starr se encontra com uma entrevistadora – Sra. Carey

- que pede mais informações sobre aquela noite. Starr comenta sobre as deduções que o policial fez ao vê-los dentro do carro. “Mas estou cansada deles tirando conclusões. Principalmente em relação às pessoas negras. [...] Porque somos negros e por causa de onde moramos. Nós só éramos dois adolescentes vivendo, sabe? A suposição dele matou Khalil. Poderia ter me matado” (Thomas, 2017, p. 191).

Explicita-se a relação preponderante entre a representação de indivíduos negros com a instituição policial. O preconceito também é munição e motivação, o policial mata Khalil e mantém a arma apontada para Starr. O que marca uma vivência de alta “carga” de afetos para a garota. No mundo ocidental, ao articularmos a questão racial e a adolescência, o desenvolvimento é corriqueiramente marcado pela violência e ameaça. Entre ser testemunha e vítima, Starr busca algum alento na socialização festiva. Se prepara para um baile no mundo de Williamson. Mas afetada pelo assassinato do amigo, não se sente plena participante. Compara as danças, compara os ritmos, a atmosfera, e, percebe que entre Garden Heights e Williamson permanece um abismo.

[...] mas é estranho, não fico tão hesitante em dançar aqui como fiquei na festa de Big D. Como falei, na Williamson eu sou automaticamente popular, só por ser negra. Posso ir para a pista e fazer um passo de dança ridículo que inventar, e todo mundo vai achar que é a nova moda. As pessoas brancas supõem que todas as negras são especialistas nas novas modas. Mas eu nunca faria uma coisa dessas em uma festa de Garden Heights. Quem faz papel de bobo uma vez, já era. Todo mundo no bairro fica sabendo e ninguém esquece (Thomas, 2017, p. 193).

Starr reflete sua ocupação entre duas esferas e compreende que é contemplada pelos outros de distintas maneiras. Mas em boa parte das ocasiões, é posta nos moldes da estereotipia. Tanto o cenário, quanto a aparência, descritos por Goffman (1985), participam da construção do “eu”. São “aqueles estímulos que funcionam no momento para nos revelar o status social do ator” (Goffman, 1985, p. 31). Existe uma “cena” histórica construída para capturar o indivíduo negro.

Starr se relaciona afetivamente com Chris, são namorados. O rapaz reconhece Starr pela televisão, oportunidade que ela está testemunhando publicamente sobre

o assassinato do amigo. Chris constata que Starr lhe esconde parte de sua vida. Dá-se início a uma ruptura na trajetória de Starr. Interpelada pela ocultação de pontos significativos de sua história, Starr compreende que há diferenças que ela não pode superar, assim afirma para seu namorado que: “ser duas pessoas diferentes é tão exaustivo. Eu me treinei para falar com duas vozes diferentes e só dizer certas coisas perto de algumas pessoas. E dominei essa arte” (Thomas, 2017, p. 198). Como nossa identidade é uma totalidade em movimento, contradições podem ser superadas, cisões abertas, tensões são resolvidas e outras inauguradas. Dessa maneira, afirmamos que Starr é uma totalidade em si, articulando-se entre os papéis: a testemunha, a filha, a namorada de Chris; a garota-diferente de Williamson e a garota de Garden Heights. São esferas sociais e relações com diferentes indivíduos que amparam o processo de singularização dessa adolescente.

Depois de mais um cansativo relato com a juíza, Starr encontra Hailey, a colega que materializa o mundo racista em seus comentários. Furiosa, Hailey questiona as ações e o lugar de mundo de Starr. Sua voz representa a cerrada estrutura do preconceito racial: “Vocês querem que eu peça desculpas porque meus ancestrais eram senhores de escravos ou alguma outra coisa idiota assim?” (Thomas, 2017, p. 224). Essa fala fomenta novo movimento, Starr se (re)posiciona, agride a colega racista e imediatamente rompe sua identidade Starr-de-Williamson tanto quanto a Starr-de-Garden-Heights. O processo da adolescência de Starr se transforma drasticamente na relação com as manifestações valorativas do outro. O racismo é protagonista. Starr golpeia a dor que herda da estrutura social e histórica.

Pensar o movimento da identidade é considerar que “personagens são vividas pelos atores que as encarnam e que se transformam à medida que vivem suas personagens” (Ciampa, 1987, p. 157). Starr que até então se alternava entre dois mundos, vê aquelas duas esferas que lhe constituía “se encontrarem” durante um churrasco na casa de seu tio.

Eu devia estar acostumada com meus dois mundos colidindo, mas nunca sei que Starr devo ser. Posso usar um pouco de gírias, mas não muitas, ter uma certa atitude, mas não muita, para não ser uma “negra atrevida”. Tenho que tomar cuidado com o que digo e como digo, mas não posso falar como “branca” (Thomas, 2017, p. 233).

A identidade de Starr é composta pela dialética entre duas personagens bem demarcadas pelo espaço – uma a escola, o outro o bairro-, seu movimento principal é de alternância, mas há um segundo, de sobreposição, tendo como meta última a conquista de uma equidade, sob a sombra da adolescente “normal”. Persiste um jogo de ocultação e revelação. Para Paulino-Pereira (Ano), ocultação e revelação de papéis sociais são fatores a se considerar dentro da totalidade de uma identidade. Starr confessa: “Meus dois mundos colidiram. Surpreendentemente, está tudo bem” (Thomas, 2017, p. 235), choque necessário para que a personagem, única, síntese de si mesma, aprecie seu próprio processo de construção. O que não significa dizer que Starr, ao enfrentar o preconceito contra si, consegue sempre superar e, como apontou Heller (1972), colocar a vida cotidiana em “suspensão” e retornar a ela com sua consciência modificada e devidamente emancipada.

Diante os acontecimentos permeados por preconceito e injustiça, o júri desresponsabiliza o policial que matou Khalil, amigo de Starr. Um-Quinze confundiu uma arma com um pente de cabelo. “Independentemente da decisão do grande júri, eu ainda sou a ‘Starr que estava com Khalil’ e não quero ser vista hoje. Só ouvida” (Thomas, 2017, p. 255). Partindo da divisão entre dois mundos, Starr quer ser ouvida. Um amigo ressalta que “Os pretos estão cansados de aguentar merda” (Thomas, 2017, p. 258), “merdas”, um eufemismo para a morte, população negra que é inundada pelo imperativo da cordialidade e uma ordem social perniciosa na qual “todos são iguais”. O que leva à “um genocídio mais silencioso, mais gradual, mais lento [...]” (Ferreira, 2002, p. 74). O racismo presente no cotidiano, deve ser igualmente enfrentado e combatido de forma processual e contínua.

A personagem Starr determinada a falar ao público - ouviu da Sra. Ofrah que sua voz é sua maior arma -, enfrenta a condição de desumanização que lhe é imposta. A Starr de Williamson ou a de Garden Heights gradualmente se encontram com a Starr-luz, que projeta um caminho coletivo e alternativo para as identidades pressupostas vítimas do racismo. O seu fazer é constitutivo de sua identidade, falar é construir-se, grita: “não estávamos fazendo nada de errado. Além do policial Cruise ter suposto que estávamos fazendo besteira, ele supôs que éramos criminosos. Bom, o criminoso aqui é o policial Cruise” (Thomas, 2017, p. 268). A identidade é verbo, é construída na ação e interação dentro da vida material (Ciampa, 1987)

De envergonhada de suas origens, Starr reassume suas relações primeiras, suas gírias, seus amigos. “Não posso mudar o lugar de onde venho nem o que passei, então por que devia ter vergonha do que me faz ser quem sou? É como sentir vergonha de mim mesma” (Thomas, 2017, p. 287-288). Incluindo sua trajetória como um todo, Starr se responsabiliza pela sua realidade singular e suas possibilidades. Há dois mundos se encontrando e é por eles que ela forja seu movimento e sua plasticidade. Sua consciência é confeccionada na mediação de suas relações. Sua representação é sustentada pelo processo de socialização com o(s) outro(s) Starr: “por mais que eu tenha perdido, eu também ganhei coisas boas. Como Kenya” (Thomas, 2017, p. 288). A negritude é *fomentada a cada gesto de interação e em uma conjuntura em que* a maior parte do tempo se manifesta o preconceito racial, o indivíduo entra em um processo doloroso. Fanon (2008, p.124) resume: “tomo esta negritude e, com lágrimas nos olhos, reconstituo seu mecanismo”. A negritude é reconstruída em cada processo de identidade.

A marginalidade e a exclusão podem ser enfrentadas dentro do processo de metamorfose, princípio da identidade pessoal. Esse devir só é anulado diante a morte biológica, como no exemplo de Khalil. Já Starr, a “garota do gueto”, em suas particularidades e vivências, comunga com a dor coletiva que é experimentar o assassinato de um semelhante. Sua adolescência fica nuançada pela luta e pelo sofrimento, consequência da escassez de políticas públicas que viabilizam acesso a

educação, lazer e qualidade de vida mais humanizada. Temos uma identidade pessoal ao qual a transformação é enfraquecida pela dor e pelo descaso. O adolecer nessas condições se torna um processo ardiloso, favorece o adoecimento e a desesperança. Viver um contínuo *apartheid* em sua própria trajetória dificulta o reconhecimento das possibilidades de construção de um projeto de vida para si e para a comunidade. O racismo contribui para que o processo da identidade permaneça na mera reposição de papéis e personagens sem que haja a modificação da consciência, o que Ciampa (1987) conceituou como “mesmice”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do que foi analisado, observamos que a segregação está presente de forma violenta especificamente para pessoas negras, reconhecendo que a exclusão operacionalizada pelo racismo alcançou de modos diferentes seu objetivo. Juntamente com a herança escravocrata extremamente presente no continente Americano, pessoas não brancas são marginalizadas na sociedade, projeto violento e, portanto, antidemocrático. Sobreviver é o que resta, a Starr, fica a “resistência” por meio da docilidade, que leva a um silenciamento diante do racismo praticado cotidianamente.

Em nossa análise podemos assegurar que a identidade não é algo dado, mas sim uma construção, atravessada por determinados acontecimentos que acossam a consciência e o indivíduo. Assim resta o conflito entre as representações de mundo e a interiorização de uma realidade perniciosa, mas não isenta de brechas e lacunas para construção de novos mundos. Nas relações há processos alienantes, quando individualizantes e emancipadores quando ligados a uma aliança, projeto comunitário. Starr explora melhor as potencialidades de sua plasticidade quando se encontra em uma aliança de minorias.

Além de tudo, essa personagem fictícia é o retrato de várias outras adolescentes que procuram a luz dentro da penumbra do racismo. Reflete o que contamos todos os dias, nas escolas, nas ruas, sobre indivíduos que têm suas identidades interrompidas,

atrapalha-se a emancipação. O estigma e a exclusão estão em sintonia com o assassinato do povo negro.

O método dialético que acompanhou a singularidade de nosso objeto permitiu considerarmos o movimento pelo tempo-espço, o passado, trajetória e esferas da personagem que se interpenetram e constrói os seus horizontes. A identidade em movimento. Da vergonha que sentia de seu próprio bairro, estado de alienação, Starr caminha pelo conjunto habitacional no qual a maioria era branca, nos seus passos “silenciados”, questiona e protesta elaborando uma nova consciência sobre suas origens. Confronta a fatalidade imposta por uma sociedade racista ao (re)projetar seu futuro, o sonho de reconstruir a própria representação de si, de sua família e de seus amigos. A identidade pessoal em um mundo de desvalorização tende a cristalizar-se na emergência de luta pela vida, a adolescência se torna um processo fragilizado, senão adoecido. O racismo mata também parcialmente a vida daqueles que testemunham sua violência e sobrevivem. Consideramos necessário, em estudos futuros, articular a questão da adolescência com a identidade coletiva, correlacionando as políticas de identidade e a formação de processos emancipatórios ou não no âmbito grupal. Ora, nosso estudo se limita a análise de uma narrativa de vida, que materializa a singularidade “possível” de um processo de construção de identidade pessoal em uma conjuntura histórica caracterizada fortemente pelo racismo.

A literatura, de maneira geral, nos fornece material suficiente para compreendermos que a identidade é movimento, e que partindo do universal, podemos interpretar determinadas singularidades imprescindíveis para conhecer a realidade que nos cerca e nos constitui.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 36° ed.; tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2014.



BERNI, Vanessa Limana; ROSO, Adriane. A adolescência na perspectiva da Psicologia Social Crítica. **Psicologia & Sociedade**, 26(1), pp. 126-136, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/vQrgynH9BHggw3M5kXnHjmm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 Out. 2022.

CARONE, Iray. A dialética marxista: uma leitura epistemológica. In: CODO, W.; LANE, S. T. M. (orgs). **Psicologia social: o homem em movimento**. Pp. 20-30. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1984.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. **A Invenção da “Adolescência” no Discurso Psicopedagógico**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CHERSONI, Felipe de Araújo; CHAGAS, Maria Eduarda Delfino; MUNIZ, Veyzon Campos. Racismo entre psicologia social e criminologia crítica: encontros e perspectivas decoloniais. **Revista Katálysis** [online]. v. 25, n. 2. Pp. 272-282, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/qkbfmWkwzgzKc9FyvGQwmhBy/>. Acesso em 18 Nov. 2022.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COIMBRA, Cecília; BOCCO, Fernanda; NASCIMENTO, Maria Lívia. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, pp. 2-11, 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v57n1/v57n1a02.pdf>. Acesso em: 14 Out. 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**; tradução de Renato da Silveira, Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Ricardo Franklin. O Brasileiro, o racismo silencioso e a emancipação do afro-descendente. **Psicologia & Sociedade**; 14 (1): pp. 69-86; jan./jun, 2002. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/26361669\\_O\\_brasileiro\\_o\\_racismo\\_silencioso\\_e\\_a\\_emancipacao\\_do\\_afro-descendente](https://www.researchgate.net/publication/26361669_O_brasileiro_o_racismo_silencioso_e_a_emancipacao_do_afro-descendente). Acesso em 14 Out. 2022.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada, tradução de Mathias Lambert, 1981.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Vozes, 1985.

GROSSMAN, Eloisa. A construção do conceito de adolescência no Ocidente. **Adolescência & Saúde**, v. 7, nº 3, pp. 47-51, 2010. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta/ resource/pt/abr-76?lang=fr>. Acesso em 15 Nov. 2022.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972

IPEA. **Atlas da Violência 2020**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília, 2020.

LANE, Silvia Tatiana Maurer. A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia. In: CODO, W., & LANE, S. T. M. (orgs). **Psicologia social: o homem em movimento**. pp. 10-19. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1984.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. **Psicologia social do preconceito e do racismo** - São Paulo: Blucher Open Access, 2020. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/06-22016>

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MUNANGA, Kabengele. (1990) Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades. São Paulo: *Revista Antropologia*, (33), pp. 109-116, 1990. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111217>. Acesso em 15 Nov. 2022.

OZELLA, Sérgio. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: CONTINI, M. L., & KOLLER, S. H. (orgs). **Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. pp. 16-24. Rio de Janeiro. Conselho Federal de Psicologia, 2002.

PAULINO-PEREIRA, Fernando César. **Psicologia Social e Identidade Humana: A militância social como metamorfose e emancipação religiosa**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

THOMAS, Angie. O ódio que você semeia. Rio de Janeiro: Galera, 2017.

## Contribuição de Autoria

### 1 – Efigênia de Fátima Barbosa

Psicóloga graduada pela Universidade Federal de Catalão.

<https://orcid.org/0009-0002-1014-3622> • [efigeniabarbosa00@gmail.com](mailto:efigeniabarbosa00@gmail.com)

Contribuição: Conceituação, Investigação, Análise formal, Escrita – primeira redação

### 2 – Marcelo Vinicius Costa Amorim

Psicólogo graduado pela Universidade Federal de Catalão. Doutorando e Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Catalão.

<https://orcid.org/0000-0001-8916-7779> • [m.viniciuh@gmail.com](mailto:m.viniciuh@gmail.com)

Contribuição: Conceituação, Metodologia, Escrita – revisão e edição

### 3 – Fernando César Paulino-Pereira

Psicólogo, graduado pela Universidade Metodista de Piracicaba. Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia da Igreja Metodista. Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-Doutorado pela PUC-SP em Psicologia Social. Professor adjunto da Universidade Federal de Catalão.

<https://orcid.org/0000-0003-3105-4434> • [epifania.cps@gmail.com](mailto:epifania.cps@gmail.com)

Contribuição: Administração do projeto, Conceituação, Supervisão, Validação

## Como citar este artigo

BARBOSA, E. F.; AMORIM, M. V. C.; PAULINO-PEREIRA, F. C. O ódio que você semeia: o materialismo histórico dialético como perspectiva analítica da construção da identidade pessoal. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 38, e83233, 2025. DOI 10.5902/2317175883233. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2317175883233>. Acesso em: XX/XX/XXXX.